

Não...
Teu corpo não me disse adeus...
Porém, tua alma,
até mim, voou,
me chamou
e sorriu!
E disse-me que tudo cessou...
que nova vida floriu!...

Sem compreender
o esplendor da eternidade,
chorei tanto!
Quantas vidas inúteis!
Logo tu,
a morte levou ao pó!?

Mas, da rósea Mansão,
a mim,
estendeste a mão
e, resplandecente,
pude ver-te!
Não mais o sofrimento...
Não mais a pobreza,
nem a dor
pelas dores do mundo!

Disseste-me que estás bem
e que um dia,
para a Eterna Alegria
irei também!

(Marine Waterloo)

UMA EXPLICAÇÃO

O leitor poderá estranhar o **epílogo** escolhido para encerrar o presente trabalho. Tratando-se de uma monografia que pretende ser sistematicamente científica, a rigor deveria ou terminar no final do III Capítulo — anterior a este — ou ter o estilo frio e formal de uma conclusão racional e objetiva.

Sem dúvida, este trabalho, como os demais já divulgados por nós acerca de casos que sugerem reencarnação, obedeceu ao mesmo critério ético de rigorosa seriedade e imparcialidade aplicado aos que o precederam e foram já divulgados.

Entretanto, o presente caso contém, além de seu aspecto puramente científico, uma componente de natureza sentimental, dramática e profundamente humana. Nele estão envolvidas duas criaturas ligadas por fortes laços de mútua afeição. Uma vez evidenciada a realidade da reencarnação, pelo menos no caso que ora estudamos, parece-nos ressaltar, com inusitada clareza, a permanência dos sentimentos que intervêm nas relações humanas. É, como pode facilmente observar-se, o principal ingrediente da complexa composição daquilo que se entenderia pela palavra “karma”.

Se substituirmos os laços do **amor** pelos grilhões do **ódio**, iremos compreender melhor o mecanismo de grande parte dos dramas existenciais dos grupos humanos, das tragédias sociais e, talvez, das hecatombes bélicas que há milênios flagelam as criaturas deste agitado Planeta Terra.

Temos suficiente experiência no trato com o “establishment” científico, para calcular o risco que corremos, de invalidar o presente trabalho, ou de reduzir-lhe o valor e a credibilidade, pelo simples fato de destacar-lhe este aspecto. Sabemos, sobejamente, que uma obra que aspira a ser rigorosamente científica deve ser, por seu turno, **fria** e **imparcial**, além de absolutamente consentânea com os **fatos** e com o **sistema**. Qualquer deslize ou descuido na forma de apresentá-la poderá decretar-lhe a pena máxima da desmoralização.

Entretanto, acreditamos ser também justificável tratarmos deste particular, no presente caso.

ENTRELINHAS...

Das inúmeras cartas recebidas de D. Marine Waterloo, bem como das respostas ao questionário a ela submetido, nota-se um fato interessante e digno